



HISTÓRIA E MEMÓRIA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ONOFRE LOPES, NATAL (RN): 1909-2000^a.

HISTORY AND MEMORY OF UNIVERSITY HOSPITAL ONOFRE LOPES, NATAL (RN): 1909-2000.

HISTORIA Y MEMORIA DEL HOSPITAL UNIVERSITARIO ONOFRE LOPES, NATAL (RN): 1909-2000.

Djailson José Delgado Carlos^b

Raimunda Medeiros Germano^c

Maria Itayra Padilha^d

RESUMO

Pesquisa histórica, do tipo revisão bibliográfica com o objetivo de historicizar a evolução do Hospital Universitário Onofre Lopes e sua relação com o ensino de saúde na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A coleta de dados (documentos, fotos, atas, jornais, Diários Oficiais, relatórios e cartas), realizada entre fevereiro e março de 2005, contou com as autorizações do Arquivo Geral do Estado e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Esse material, trabalhado cronologicamente, privilegiou aspectos expressivos da vida da Instituição e possibilitou apreender que esta trajetória foi sendo lentamente construída. Para tal, contou também com alguns estudos acadêmicos existentes. Percebe-se, portanto, no transcorrer da história do Hospital, uma atuação diferenciada. Inicialmente de cunho assistencialista, atendendo à população de Natal e do Estado, aos poucos vai mudando seu perfil, passando a constituir-se em espaço, por excelência, para o ensino, pesquisa e assistência.

Descritores: História; Hospital de Ensino; Ensino Superior; Universidade; Saúde.

^a Artigo originado de CARLOS, DJD. Passado e Presente: a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2005.

^b Enfermeiro do Hospital Universitário Onofre Lopes/UFRN. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (PEN/UFSC). Membro do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCES). E-mail: djailson.delgado@hotmail.com

^c Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFRN. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Caleidoscópio da Educação em Enfermagem. Pesquisadora CNPq. E-mail: rgermano@natal.digi.com.br

^d Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ. Professora Associada do Departamento de Enfermagem e da Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC. Coordenadora do GEHCES. Pesquisadora do CNPq. E-mail: padilha@ccs.ufsc.br

ABSTRACT

A historical research, with a literature review approach, aimed at analyzing the evolution of the University Hospital Onofre Lopes and its relationship with the health education at the Federal University of Rio Grande do Norte. The data collection (documents, photos, minutes, newspapers, official gazettes, reports and letters), conducted between February and March 2005, included commitments from the General State Archives and the Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Norte. This material worked chronologically, favored expressive aspects of the life of the institution and allowed to understand that the trajectory was slowly built. It is clear, that in the course of the history of the Hospital, a differentiated performance was present. Initially imprint welfare, given the population of Natal and the whole state, and slowly changing its profile, and began to create a space to excellence for teaching, research and service.

Keywords: History; Teaching Hospital; Higher Education; University; Health.

RESUMEN

Investigación histórica de tipo revisión bibliográfica con el objetivo de analizar la evolución del Hospital Universitario Onofre Lopes y su relación con la enseñanza en salud en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte. La recolección de datos (documentos, fotos, actas, periódicos, Diarios Oficiales, relatos y cartas) realizada entre febrero y marzo de 2005, contó con las autorizaciones del Archivo General del Estado y del Instituto Histórico y Geográfico de Rio Grande do Norte. Este material trabajado cronológicamente privilegió aspectos expresivos de la Institución y permitió aprender que esta trayectoria fue lentamente construida. Para tal, contó con algunos estudios académicos existentes. Se percibe, en el transcurrir de la historia del Hospital una actuación diferenciada. Inicialmente de cuño asistencialista, atendiendo a la población de Natal y del Estado, paulatinamente va cambiando su perfil, pasando a construirse en un espacio por excelencia para la Enseñanza, investigación y asistencia.

Descriptores: Historia; Hospital de Enseñanza; Enseñanza Superior; Universidad; Salud.

Introdução

Fundado em 12 de setembro de 1909, em Natal, capital do Rio Grande do Norte (RN), cuja finalidade foi a de reorganizar a assistência à saúde no Estado¹, o Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL), com a criação da Universidade Estadual do RN, em 1958, foi incorporado a esta Instituição e, desde então, funciona como hospital escola para os cursos da área de saúde.

Sua existência, marcada por transformações em sua estrutura física e organizacional, sendo acompanhada de sucessivas mudanças de nomes, a saber: Hospital de Caridade Jovino Barreto (1909), quando da sua fundação, Hospital Miguel Couto (1935), Hospital das Clínicas (1960), por ocasião da federalização da Universidade e, a partir de 1984, passou a denominar-se Hospital Universitário Onofre Lopes, em homenagem ao primeiro Reitor¹⁻².

Atualmente desempenha importante papel como centro de pesquisa científica e conhecimentos aplicados à saúde, desenvolvendo, para tal, atividades de ensino, pesquisa e extensão. Quanto à assistência, integra-se ao Sistema Único de Saúde (SUS), prestando serviços médico-hospitalares, desde o atendimento ambulatorial até serviços de alta complexidade, atendendo, conforme o sistema de referência e contra-referência a partir das Unidades Básicas de Saúde (UBS), Postos de Saúde e outros hospitais do Estado.

Diante dessas considerações, historicizar a evolução do HUOL e sua relação com o ensino de saúde na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) constitui o objetivo deste estudo.

Assim sendo, tornou-se importante investigar sua origem e os pontos marcantes de sua evolução, decidindo-se por reunir o máximo de informações para a construção desta história, abrindo perspectivas para o conhecimento da Instituição pelo fato da mesma ser para o RN a referência mais tradicional na formação dos profissionais de saúde.

Metodologia

Pesquisa histórica, do tipo revisão bibliográfica que teve como cenário um hospital escola centenário. Esse tipo de pesquisa relaciona-se a motivações distintas e surge através de consultas às diversas fontes, sejam primárias ou secundárias, por meio das quais são estabelecidas novas conexões e comparações dos fatos estudados, que resultam em um novo conhecimento.

O trabalho da pesquisa histórica compreende dois momentos: a definição do assunto a pesquisar e a busca das fontes de informação³, que devem ser vistas como a via pela qual o

pesquisador entra em contato com o objeto do estudo, analisando-o em seu tempo, assim recupera a memória, ajudando a salvar o passado para servir ao presente e ao futuro⁴⁻⁵.

A pesquisa histórica assemelha-se à pesquisa documental e por se relacionarem, apresentam as seguintes vantagens: fonte rica e estável de dados; resiste ao longo dos anos, baixo custo; não exige contato com os sujeitos da pesquisa; e contribuem para compor a história em uma determinada época⁴.

Trabalhar nesta possibilidade permite buscar as raízes dos significados, extrapolando a visão superficial dos fatos, bem como possibilita conhecer a realidade e os atores sociais, assim como os significados das fontes⁶. Nessa perspectiva, estabeleceu-se como recorte temporal o período compreendido entre 1909 e 2000, por tratar-se, respectivamente, do ano de sua fundação e da criação do Complexo Hospitalar e de Saúde (CHS) que reestruturou os serviços de saúde da UFRN.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2005 e, para ter acesso às fontes primárias, foram previamente solicitadas autorizações ao Arquivo Geral do Estado, à Direção do HUOL e ao Instituto Histórico e Geográfico do RN.

De posse do material empírico (documentos, fotos, atas, jornais, relatórios, cartas, Diários Oficiais etc) que versam sobre a UFRN e o Hospital, efetuou-se uma seleção criteriosa que privilegiasse os aspectos mais expressivos da vida da Instituição, levando-se em consideração a cronologia dos acontecimentos. Essa conduta possibilitou apreender que esta evolução foi sendo lentamente construída. Para tal, contou também com alguns estudos acadêmicos^{7, 8} e publicações^{1,2,9} existentes.

Sua realização obedeceu às diretrizes da Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde¹⁰ e seu desenvolvimento tornou-se possível com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN, conforme Parecer nº 81/2004.

Resultados e discussão

À época da fundação do Hospital de Caridade Jovino Barreto (HCJB), a cidade de Natal, capital do Estado do RN, encontrava-se em um lento processo de urbanização. Sua população era de aproximadamente trinta e um mil habitantes e, em função da deficiente infraestrutura rodoferroviária, permanecia praticamente isolada das demais cidades do Estado¹¹.

A fundação desse serviço decorreu da necessidade de organizar uma assistência condigna à população, considerando que, até então, a única instituição destinada ao atendimento de

doentes era o Hospital de Caridade, localizado à Rua da Misericórdia, no bairro da Ribeira, mesmo assim, em precárias condições¹¹.

Naquele tempo, início do século XX, o bairro da Ribeira concentrava praticamente todas as atividades da cidade de Natal. Grande parte das negociações comerciais ocorria na Rua do Comércio, hoje Rua Chile, devido à concentração de armazéns. Lá, negociava-se pau-brasil, açúcar, algodão, sal, peixe seco, entre outros produtos. Nesta mesma rua, precisamente no número 106, encontrava-se o Palácio da Ribeira, sede do Governo do Estado. Na Ribeira, havia também, uma fábrica (Fábrica de Fiação e Tecido de Natal) de propriedade de Jovino Barreto, que permaneceu como a primeira e única da cidade, até meados da década de 1940¹.

Considerando-se que Natal se organizava, fatos importantes em seu processo de urbanização ocorreram nas duas primeiras décadas do referido século, contribuindo para o seu desenvolvimento. Isso fica bem evidente quando Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, Governador do Estado, e Joaquim Manuel Teixeira de Moura, presidente da Intendência Municipal, criaram o terceiro bairro de Natal, totalmente planejado, através da Resolução nº 55, de 30 de dezembro de 1901, denominado de Cidade Nova. Atualmente este bairro compreende aos bairros de Petrópolis e Tirol^{11, 12}.

Nesse contexto, primórdios do século XX, foi criado o HCJB através do Decreto nº 205 de 21 de agosto de 1909, e inaugurado em 12 de setembro do mesmo ano, em uma casa de veraneio adaptada, cuja área construída era de 300 metros quadrados, localizado no monte Petrópolis. Naquela ocasião, dispunha, tão-somente, de 18 leitos, destinados ao atendimento de pessoas carentes e, administrativamente, encontrava-se subordinado ao Estado por meio da Inspetoria de Higiene e Saúde¹¹.



Figura 1 - Hospital de Caridade Jovino Barreto, 1909 (Fonte: Arquivo Geral do Estado).

Sobre a inauguração do HCJB, o Dr. Januário Cicco foi o primeiro diretor, tendo sido nomeado em 31 de agosto de 1909, e que José Lucas do Nascimento foi o primeiro “enfermeiro”, tornando-se um “doutor” de gente pobre, popularíssimo, sob o apelido de José Enfermeiro. Para a assistência aos enfermos e direção doméstica, foi contratado um grupo de religiosas da Ordem Filhas de Sant’Ana¹. A título de esclarecimento, para este manuscrito foi adotada a utilização de aspas para identificar os profissionais práticos, ou seja, àqueles que exerciam suas atividades laborais e desfrutavam de reconhecimento, mas sem a devida formação profissional.

A respeito do “enfermeiro” José Lucas do Nascimento, ele é descrito como sendo muito dedicado, sempre pronto para o atendimento a qualquer paciente e que chefiava o serviço de Enfermagem nas enfermarias masculinas². Acerca deste fato, faz-se necessário esclarecer o caráter essencialmente empírico da Enfermagem da época, visto que, o ensino com base tecnocientífica no Brasil, estruturou-se apenas no ano de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, capital da federação, com o funcionamento da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN)¹³.

Assim uma vez contratada para assistir a um doente, qualquer pessoa, homem ou mulher, adquiria prática e daí por diante, por presunção, firmava reputação de entendida em Enfermagem¹⁴. Assim, ainda que reconhecido profissionalmente por suas habilidades e qualidade de seus serviços, José Lucas do Nascimento não dispunha de nenhuma formação profissional formal, ainda que recebesse fosse denominado de “enfermeiro”.

Para fins informativos, no que tange ao ensino da Enfermagem Moderna no RN, sua institucionalização ocorreu 1955, após a autorização para funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal (EAEN), destinada à formação profissional de nível médio. Naquele tempo, em conformidade com material empírico consultado, não havia recursos humanos e materiais que atendessem às exigências do ensino superior.

Sobre enfermeiras diplomadas no RN, a primeira de que se têm notícias foi a potiguar Elita Silveira, formada na EEAN, que em 1950, a convite da Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH) participou da fundação e compôs a Direção da Escola de Enfermagem de Natal, mas pelos motivos anteriormente explicitados, não funcionou. Sobre ela, sabe-se que exerceu suas funções na Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), aguardando pelo atendimento às exigências necessárias para o funcionamento da Escola. Também atuou em Recife/PE e anos mais tarde foi Diretora¹⁵ da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Alagoas, em Maceió/AL. A segunda enfermeira, foi a Filha de Sant’Ana, Irmã Anna Tereza de Jesus Rocha, natural de Belém/PA, vinda de Recife/PE, formada pela Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças (FENSG), no ano

de 1953, para trabalhar no HUOL. Ela é uma das 12 sócias fundadoras da Associação Brasileira de Enfermagem, seção RN, em 15 de maio de 1960 e a primeira presidente^{16, 17}.

Retornando ao funcionamento do Hospital, as religiosas vieram de Recife/PE e foram contratadas para a assistência aos enfermos e direção doméstica. A respeito da composição numérica desse grupo há controvérsias de serem sete⁷, sob a supervisão de Cosma Campani e que, entre elas, havia uma licenciada em Serviços Farmacêuticos e de, serem cinco¹¹, Cosma Campani, como Superiora, Rosa Sampaio, Helena Maria Meneses, Rinalda Mereti e Alinda Gararaglia, as auxiliares. O Hospital também dispunha de pessoal para as funções de serventes e jornaleiros⁷.

Dados fornecidos Diretoria Geral de Estatística¹⁸, demonstram que ano de 1909, foram atendidos 289 enfermos, distribuídos entre homens, mulheres, crianças, incluindo estrangeiros. Destes atendimentos, 135 foram de clínica médica, 113 de clínica cirúrgica, 25 de dermatologia, 12 de pediatria, dois de oftalmologia, e dois partos. Também há informações de que ocorreram 26 seis óbitos. Informa também que o Hospital encontrava-se instalado em um edifício adaptado, disposto em um único pavimento e que era mantido pelo Estado, destinando-se ao atendimento de pacientes indigentes, denominação comum à época, aos que não dispunham de recursos, e, para tal, disponibilizava enfermarias masculina e feminina.

Nesse cenário, Januário Cicco era médico parteiro, oculista, dentista, dermatologista, analista, colaborando na administração interna da casa, aparando os golpes imprevistos com discreta agilidade, irradiando bom-humor, entusiasmo e sonhos¹. Vê-se aqui o quanto essa realidade diverge diametralmente da situação atual, na qual para cada área existe um especialista.

E assim permaneceu por muitos anos até que em 15 de janeiro de 1917, por nomeação do Governador do Estado, Joaquim Ferreira Chaves, o médico Octávio de Gouveia Varela, na condição de ajudante, juntou-se a Januário Cicco nos afazeres hospitalares. Durante quase 19 anos, os dois foram irmãos e amigos neste “sacerdócio”, dividindo entre si as tarefas de atender a todos os necessitados⁹.

Passados 10 anos de sua inauguração, a Diretoria Geral de Estatística, refere-se ao Hospital como estando melhor estruturado, dispondo de sete enfermarias, cinco masculinas e duas femininas, porém carente de serviço de ambulância. Informa também sobre a construção de acomodações para pensionistas de primeira e segunda classe, de uma moderna sala de operações, com espaços destinados ao tratamento de feridas e à esterilização de materiais. Do ponto de vista de pessoal, esse documento relata que o grupo foi acrescido de mais um cirurgião, um “dentista”, uma “parteira” (Leonor Monteiro da Silva) e uma “enfermeira” (Maria de Jesus)¹⁹.

Próximo de completar duas décadas de fundação, apresentando-se fisicamente ampliado, mais confortável e dispendo de um quadro profissional diversificado, o HCJB deparava-se com dificuldades relacionadas à burocracia, bem como com a escassez de recursos materiais e financeiros.

Data de 25 de maio de 1927 a fundação da Sociedade de Assistência Hospitalar (SAH). Sediada em Natal, tinha caráter privado e beneficente, cuja finalidade era a assistência médica e o amparo hospitalar aos pobres do Estado. Sua validade era indefinida e apresentava a seguinte composição: Januário Cicco (diretor-médico), João Crisóstomo Galvão Filho (tesoureiro) e Fernando Gomes Pedrosa (secretário)¹¹.

O HCJB permaneceu sob a administração direta do Estado até 30 de junho de 1927, data em que foi lavrado o contrato²⁰ entre José Augusto Bezerra de Medeiros e Januário Cicco, Governador do Estado e diretor da SAH, respectivamente. Neste documento, o Estado entendeu de desoficializar suas atenções, transferindo-as à SAH, tornando-a, assim, responsável pelo gerenciamento, planejamento e administração dos recursos do Hospital.

Em linhas gerais, esse contrato, cuja validade era de 20 anos a contar de 01 de julho de 1927, orientava a Sociedade a conservar os profissionais já existentes no Hospital, em iguais condições dos funcionários do Estado, bem como assumir toda responsabilidade quanto às futuras nomeações e gerenciamento dos recursos. Também foi condição contratual a construção de uma maternidade e a criação de uma Escola de Enfermeiras e Parteiras^a.

De acordo com os registros da transferência administrativa e financeira para a SAH, o Hospital encontrava-se assim estruturado: sala de entrada, sala de consulta, sala de odontologia, sala de trabalho das Irmãs, sala da secretaria, sala de ginecologia, sala da farmácia, sala de operações, sala da oftalmologia, cinco enfermarias, refeitório dos enfermos, refeitório das mulheres e saleta anexa, enfermaria das mulheres secção maternidade, dormitório e refeitório das Irmãs, cozinha, dispensa, pavilhão para pensionistas contribuintes (1ª e 2ª classes), e Capela de Sant'Ana. Nessa época, o Hospital dispunha de 93 leitos, assim distribuídos: 1ª enfermaria, com 11 leitos; a 2ª e 3ª com 14 (cada); a 4ª, com 12; a 5ª, com 13; secção de maternidade, com 18;

^a Criada em 1943 e fundada em 1950, esta Escola teve que aguardar até 1955 (autorização) e 1956 (funcionamento) para dar início às atividades, pois, ainda que correspondesse a um desejo antigo, não havia recursos materiais e humanos para fazê-la funcionar. Especificamente sobre a fundação, na manhã de 20 de junho de 1950, no Salão Nobre do Hospital Miguel Couto, apresentava a seguinte composição: Onofre Lopes (Diretor), Elita Marinho (Vice-diretora) e Irmã Teodolina Amazonas (Secretária) e, como Conselho Administrativo: Januário Cicco, Ernesto Fonseca, Otávio Varela, João Tinoco, Onofre Lopes (médicos), Nestor dos Santos Lima, Paulo Sobral (advogados), Elita Silveira (enfermeira) e pela religiosa Irmã Belém. Percebe-se nessa composição o não cumprimento do preceito básico da Enfermagem Moderna de que a escola para enfermeiras deve ser, obrigatória e administrativamente, de responsabilidade de enfermeiros²³.

pavilhão de 1ª classe, com seis apartamentos; e pavilhão de 2ª classe, com cinco. O Hospital, contava com uma fachada mais apropriada e com um maior número de clínicas (Clínicas Médica e Cirúrgica, Oftalmologia, Laboratório de Análises e Pavilhão de Maternidade)^{9,21}.

O contrato celebrado entre o Governo do Estado e a SAH, em 30 de junho de 1927, foi revisto através do Decreto Estadual nº 688/34²², assinado pelo Governador Interventor Mário Leopoldo Pereira Câmara. Desta forma, o Termo do Primeiro Aditivo aprovou as seguintes cláusulas: subvenção anual de 150:000\$000 (cento e cinquenta mil réis) a partir de 01 de janeiro de 1935 e determinou o prazo de dois anos para que o Hospital aumentasse o número de leitos em, pelo menos, 200 gratuitos e 21 para pensionistas contribuintes.

Bem mais ampliado e dispendo de melhores instalações, o HCJB passou a denominar-se Hospital Miguel Couto (HMC), fato este ocorrido em outubro de 1935, com a desaprovação popular, em decorrência da troca do nome de um benfeitor local estimado por todos. Essa mudança atendeu a um capricho do Dr. Januário Cicco², diretor da SAH e do Hospital, embora Miguel Couto fosse cientista, clínico consciente, homem culto, professor e referência de competência².

Nessa época, o Hospital passa por outro processo de ampliação e modernização dos serviços, sendo acrescido, à estrutura já existente, o Pavilhão Santa Isabel, com seis apartamentos de luxo destinados a pensionistas, um elevador e o necrotério. Sobre o elevador, de marca OTIS *Elevator Company*, comprado no Rio de Janeiro, torna-se curioso registrar que levou dois meses para ser transferido para Natal, chegando em 10 de junho de 1935^{2,24}.

Quanto aos exercentes de Enfermagem²⁵, desse período, havia nove irmãs (uma superiora, cinco assistenciais, uma farmacêutica, uma secretária e uma ecônoma), um “enfermeiro” (José Lucas do Nascimento), duas “enfermeiras” (Generosa de Sousa e Maria de Jesus) e duas auxiliares de enfermagem (Joaninha Sales e Francisca Fernandes). Deve-se ressaltar que esta equipe era constituída, na sua totalidade, por práticos de Enfermagem, com maior ou menor experiência.

Vale assinalar que sobre estas pessoas, ora citada, não foi encontrado qualquer documento referente às suas origens, local de nascimento ou mesmo alguns dados pessoais, diferentemente de outros personagens aludidos neste estudo. Pode-se perceber que em uma sociedade de classes, essa ausência de informações, muito provavelmente, esteja relacionada ao lugar que cada pessoa ocupa na hierarquia social.

No período compreendido entre 1935-45, o Hospital amplia suas dependências e cria novos serviços. Dados do Ministério da Educação e Saúde, através do Serviço de Estatística²⁶,

referente à estrutura física do Hospital, informa que em 1945, encontrava-se assim disposta: 17 enfermarias, sendo sete masculinas e 10 femininas; três salas cirúrgicas, sendo duas assépticas e uma séptica; serviço de raio-x; laboratório de análises; farmácia; gabinete dentário; necrotério; e ambulatório.

Nesse período, o mundo vivia tensões políticas, econômicas e ideológicas que culminaram na II Guerra Mundial (1939-1945). A adesão do Brasil ocorreu mediante a ruptura das relações diplomáticas com países do eixo (Japão, Itália e Alemanha), de política autoritária, culminando com o afundamento de vários navios brasileiros por submarinos alemães. Pouco tempo depois, o governo brasileiro colocou à disposição bases aeronavais aos aliados (França, Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos) e, no ano de 1944, ocorreu o envio de tropas para o *front*.

A participação do Brasil na guerra foi de fundamental importância para Natal, que se transformou em ponto de passagem das tropas norte-americanas que se dirigiam para o *front* no continente africano. A cidade transformou-se, virtude da presença dos norte-americanos: novos hábitos foram adquiridos; tornou-se mundialmente conhecida; sua população sentiu de perto o clima da guerra pela ameaça alemã de bombardeamento; as pessoas passaram a frequentar cursos de inglês; irradiou-se música estrangeira; a população praticamente duplicou; ocorreu aumento do custo de vida; houve *black-out*; construção de abrigos antiaéreos; entre outros. As Forças Armadas promoveram cursos de Enfermagem para alguma eventualidade. A maternidade Escola Januário Cicco, antiga Maternidade de Natal, foi transformada em hospital militar e o Hospital Universitário Onofre Lopes, Miguel Couto à época, foi reestruturado. A Associação dos escoteiros fundou o Hospital Luiz Soares, Policlínica naquele tempo, e a Cruz Vermelha Internacional, por aqui desembarcou, fundando uma filial^{27:116-7}.

Retomando ao HMC, da década de 1940, no que se refere aos recursos humanos²⁶, têm-se o registro da existência de 14 médicos no quadro de pessoal, distribuídos nas seguintes especialidades: três cirurgiões gerais, três clínicos, dois ginecologistas, um otorrinolaringologista, um oftalmologista, um dermatologista, um radiologista, um urologista e um microbiologista. Esse documento também faz referência à existência de 13 religiosas, duas “enfermeiras”, quatro “enfermeiros”, duas parteiras, um farmacêutico, um dentista e 27 serventes.

Sobre o crescimento do Hospital, provavelmente sobre a década de 1940, de acordo com a Síntese Histórica da SAH, encontrado no Arquivo Geral do Estado, em pasta referente ao HMC – sem data, autor ou qualquer outra referência – lê-se o seguinte:

O esforço desmedido da nossa capacidade de trabalho empenhou-se em um gigantesco empreendimento, demolindo e reconstruindo aquela casa, transformando-a em um grande edifício, onde o conforto científico aos doentes se distribui em amplas enfermarias, ao lado do gosto arquitetônico das linhas gerais do edifício. Fazendo-se um Hospital monobloco, moldado no tipo de hospitais tropicais, com suas enfermarias abrigadas do excesso de luz e das correntes de vento, servidas por varandas e galerias que se distribuem pelas faces laterais do estabelecimento.



Figura 2 - Hospital Miguel Couto, década de 1940 (Fonte: Arquivo Geral do Estado).

Em 14 de fevereiro de 1945, Antônio Fernandes Dantas, então Governador do Estado, assina o Termo do Segundo Aditivo²⁸ aprovando as seguintes cláusulas: subvenção anual de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros); criação do Serviço de Pronto-Socorro (PS) a ser organizado, regulamentado e executado pela SAH; disponibilidade de três leitos mediante solicitação do Secretário Geral do Governo; e, renovação do contrato por mais 15 anos, a contar de 01 de julho de 1947⁸.

A respeito do Serviço de PS, sancionado pelo Decreto-Lei nº 363/45²⁹, sua inauguração ocorreu em 30 de dezembro desse mesmo ano e compreendia dois tipos de serviços: externo, cujos atendimentos seriam prestados fora do espaço hospitalar (escola, ruas, fábricas, estabelecimentos comerciais), e interno (internamentos de urgência). Deveria, conforme seu Regimento, dispor de médicos, enfermeiros e demais auxiliares sob inteira responsabilidade da SAH; oferecer serviços gratuitos aos indigentes ou remunerados aos pensionistas, conforme valores estabelecidos pela Diretoria; e, ter como sede o HMC. Além disso, ser um serviço ininterrupto e equipado com ambulatório, raio-x, farmácia, sala de operações, de ortopedia, serviço de hemotransfusão, enfermarias para indigentes e apartamentos para contribuintes.

Vê-se, portanto, que, a essa altura, aquela casa alpendrada do monte Petrópolis, adaptada para ser instalado o HCJB, encontra-se transformada. Antes, tão distante da cidade, que o médico ia a cavalo, atravessando mata, foi substituída por um edifício de cimento armado, de vários andares, foram ampliadas suas dependências, cobrindo uma área de 3.417 metros quadrados. Os 18 leitos de 1909 passam para 369 em 1946¹.

A respeito do número de leitos disponíveis no HMC, a Direção da SAH, em ofício expedido³⁰ ao Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública, faz referência ao aumento na lotação do Hospital, elevando-se para 418 leitos, sendo 384 para não contribuintes e 34 para contribuintes, divididos entre as clínicas cirúrgicas, médica, dermatológica, otorrinolaringologia e PS.

No que diz respeito ao serviço de atendimento às emergências, sabe-se que funcionou por muitos anos no HMC, porém nos primeiros anos da década de 1970, este serviço foi transferido para o Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel (HMWG), especialmente construído para ser referência em urgências para todo o Estado.

Em decorrência da morte de Januário Cicco, aos 82 anos de idade, em 01 de novembro de 1952, por enfarto, Onofre Lopes é eleito diretor, conforme Ata da 8ª Sessão Extraordinária da SAH, de 12 de novembro de 1952. Tinha como missão dar continuidade à obra iniciada por Januário Cicco, pedido este, feito em seu leito momentos antes de falecer⁹.

Sete dias após o falecimento de Januário Cicco, é sancionada a Lei Estadual nº 693, pelo Governador do Estado, Sylvio Piza Pedroza, com a qual a SAH recebeu, como doação, o Hospital, a Maternidade de Natal, anexos e terrenos. Este feito consolidou o sonho de Januário Cicco, mesmo que tardiamente^{9, 31}.

Decorrente da intensificação das atividades científicas da Sociedade de Medicina e Cirurgia e do Centro de Estudos Médicos instalou-se em Natal, no dia 29 de janeiro de 1955, a Semana de Estudos Médico-Cirúrgicos³². Para tal, contou com a participação de profissionais do RN e de Pernambuco. Por ocasião do encerramento deste evento, em solenidade realizada no restaurante Rampa, no bairro de Santos Reis, no dia 05 de fevereiro de 1955, Onofre Lopes tornou pública a decisão que a SAH tomara em sessão plenária extraordinária, realizada em 29 de janeiro deste mesmo ano, na qual ficou determinada a criação da Faculdade de Medicina.

Essa realização demandou muito esforço, pois tinha que apresentar as instalações, equipamentos, biblioteca, professorado, recursos humano. Para isso, foi constituída, por orientação do diretor da SAH, uma Comissão de Organização e Funcionamento da Faculdade de

Medicina, composta pelos seguintes médicos: Luis Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima, Clovis Sarinho, Milton Ribeiro Dantas, João da Costa Machado e Heriberto Ferreira Bezerra^{2,9}.

Sobre os trâmites da referida Faculdade, em 07 de agosto de 1955, o Conselho Nacional de Ensino expediu parecer favorável e, em 22 de setembro desse mesmo ano, foi assinado pelo Presidente da República, João Café Filho, o Decreto nº 37.931³³, autorizando o seu funcionamento.

Esse acontecimento reacendeu a idéia de abertura da Escola de Enfermagem. Sobre isso, convém citar que havia o desejo expresso de fazê-la funcionar desde o ano de 1927, por ocasião do contrato celebrado entre o Governo do Estado e a SAH, porém havia a falta de recursos materiais e de pessoal que impossibilitavam seu funcionamento^{7,8}.

Entendia-se que, para realizar o ensino da Medicina, fazia-se necessário reestruturar o Hospital, e, nesse projeto, o preparo de Enfermagem era essencial. E assim aguardou-se pela autorização da Escola, até que, em 07 de dezembro de 1955, Abger Renault, Ministro da Educação e Cultura, na Presidência da República de Nereu de Oliveira Ramos, assinou a Portaria Ministerial nº 381³⁴, autorizando seu funcionamento.

Acerca dessa Escola, destinada à formação de profissionais de nível médio, é importante registrar que funcionou, por décadas, nas dependências do HMC e que este fora utilizado para a realização de suas aulas práticas, constituindo-se assim em sua primeira experiência com o ensino.

Com a abertura da Faculdade de Medicina, Natal passa a dispor de cinco escolas de nível superior: Farmácia e Odontologia, Serviço Social, Direito, e Filosofia. A partir de então, os diretores das Faculdades de Direito (Otto Guerra), Farmácia e Odontologia (José Cavalcanti Melo), Filosofia (Edgar Barbosa), Serviço Social (Maria Margarida da Filgueira) e de Medicina (Onofre Lopes da Silva) compuseram o grupo responsável pelo projeto de criação da Universidade, como também, compuseram o Conselho Universitário³².

Criada pela Lei Estadual nº 2.307/58³⁵, sancionada por Dinarte de Medeiros Mariz, Governador do Estado, a Universidade do Rio Grande do Norte (URN), o Conselho Nacional de Ensino, em 07 de agosto, expede parecer favorável à criação da UERN e, em 26 de dezembro de 1958, através do Decreto Federal nº 45.116³⁶, é concedido o *status* de Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).

Coube, porém, ao Governador do Estado, Dinarte de Medeiros Mariz, a escolha de Onofre Lopes da Silva para Reitor da Universidade, de uma lista tríplice enviada pelo Conselho Universitário. Nela constavam os nomes de Edgar Barbosa, professor, e de Paulo Pinheiro Viveiros,

advogado. A respeito do Reitorado de Onofre Lopes, este se prolongou por treze anos, de 1958 a 1971.

A federalização da UERN concretizou-se dois anos mais tarde, ainda no governo de Dinarte de Medeiros Mariz, tendo Juscelino Kubitschek de Oliveira na Presidência da República. Ficou oficializada com a aprovação da Lei nº 3.849³⁷, de 18 de dezembro de 1960, publicada no Diário Oficial da União, de 21 de dezembro do mesmo ano.

Diante dessa nova situação, qual seja, a federalização da Universidade, a SAH realizou em 21 de dezembro de 1960, às 20 horas, nas dependências do HMC, a 30ª Sessão Extraordinária³⁸, para tratar, entre outros assuntos – conforme a Ata da Reunião – da aprovação da transferência de todo o seu patrimônio para o Governo Federal. Na ocasião, assim se pronunciou o Mestre Câmara Cascudo, membro da SAH:

Sou inteiramente favorável e solidário com as providências tomadas pela SAH para a transferência do seu patrimônio ao Governo Federal [...] sem deixar de ressaltar a emoção com que fazia face das profundas ligações sentimentais que o estreitavam, não só ao fundador da Instituição, Dr Januário Cicco, mas ao seu continuador, Dr Onofre Lopes³⁸.

Assim sendo, o HMC, já vinculado ao sistema de ensino, tem seu nome alterado, após a federalização, para Hospital das Clínicas (HC), denominação comum aos Hospitais Universitários na época. Isso veio assegurar, conforme orientações do Ministério da Educação, também, as funções de pesquisa e extensão, ampliando assim suas atribuições.

Com a federalização da Universidade, o HC passa por mais um processo de ampliação de seus serviços, atendendo, desta vez, às exigências do ensino dos diversos cursos da área de saúde. A essa altura, conta com estudantes de Medicina, Farmácia e alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal.



Figura 3 - Hospital das Clínicas, década de 1960 (Fonte: Arquivo Geral do Estado).

Décadas depois, em homenagem a Onofre Lopes da Silva, por ocasião de sua morte, considerando-se ter sido o primeiro Reitor da Universidade, o Conselho Universitário (CONSUNI) da UFRN, por meio da aprovação da Resolução nº 68/84³⁹, aprova a mudança do nome do Hospital das Clínicas para Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL).

O HUOL, na atualidade, é uma instituição de saúde pública federal, credenciada no Ministério da Saúde (MS), integrada ao Sistema Único de Saúde (SUS) e que funciona como hospital escola e centro de pesquisas em diversas áreas do conhecimento da saúde. Está vinculado ao Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFRN, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência à população, destacando-se como centro de referência para todo o RN na prestação de serviços médico-hospitalares à população do Estado, incluindo, desde o serviço ambulatorial ao de maior complexidade.

Juntamente com as demais unidades hospitalares da UFRN, Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC), Hospital de Pediatria Professor Heriberto Bezerra, ambos situados em Natal, e Hospital Universitário Ana Bezerra (HUAB), no município de Santa Cruz, região do Trairí, compõem o Complexo de Atenção à Saúde (CAS)⁴⁰. A este também se integram a Unidade de Medicina Comunitária, o Núcleo de Hematologia e Hemoterapia, o Serviço de Odontologia, o Serviço de Anatomia Patológica e a Unidade de Fisioterapia.

Este Complexo, criado na gestão do Reitor Ótom Anselmo de Oliveira (1999 – 2003), significou a reestruturação dos serviços de saúde da UFRN, no que diz respeito à assistência, ao ensino e à pesquisa nos vários cursos de graduação e pós-graduação do CCS. Está vinculado à Reitoria e é composto por um Conselho Consultivo que inclui vários representantes de segmentos do CCS da UFRN, de representantes das Secretarias Municipal e Estadual de Saúde e pelas Unidades Assistenciais Básicas.

Essa reestruturação pela qual passaram os serviços de saúde da UFRN, através do CAS, assume relevância ao ter instituído uma nova dinâmica administrativa e assistencial articulados com o SUS, das quais resultou maior integração entre o ensino, pesquisa, extensão e assistência conforme referido anteriormente.

Em 13 de dezembro de 2002, o CONSUNI, através da Resolução nº 15⁴¹, aprovou nova denominação do Complexo de Atenção à Saúde, passando então a ser chamado de Complexo Hospitalar e de Saúde (CHS).



Figura 4 - Hospital Universitário Onofre Lopes, 2005. (Foto: Esdras Rebouças)

Considerações Finais

Ao concluir este estudo, torna-se importante reafirmar que seu objetivo foi historicizar a evolução do HUOL e sua relação com o ensino de saúde na UFRN. Desta forma, as informações contidas nesta pesquisa foram obtidas por meio de consultas a arquivos, relatórios, atas, livros, produções acadêmicas, fotos, leis, ente outros. Isto possibilitou, a partir da reconstrução dos fatos, a construção e o registro dessa trajetória.

Para sua realização, fez-se necessário vencer desafios referentes à precariedade dos serviços de arquivo das instituições, de modo geral, e da própria Universidade, em particular, bem como a escassez de estudos realizados sobre a UFRN e o HUOL.

Esta situação se traduz na ausência de catalogação, acondicionamento, conservação, e ao hábito do não arquivamento de documentos e, por que não afirmar, a falta mesmo de registro de ocorrências relevantes, visto que este Hospital, secular, é a referência mais tradicional no ensino de saúde do Estado. Assim sendo, a realização deste estudo justificou-se pela necessidade de resgatar, preservar e fomentar estudos outros que contribuam para a história e memória da UFRN e do HUOL.

Percebe-se, portanto, no transcorrer da história do Hospital, uma atuação diferenciada. Inicialmente de cunho assistencialista, atendendo à população de Natal e do Estado do RN, aos poucos vai mudando seu perfil, passando a constituir-se em espaço, por excelência, para o ensino, pesquisa e assistência.

Vale ressaltar que, nessa trajetória, a primeira experiência de ensino nas dependências do Hospital ocorreu com os alunos da Escola de Auxiliares de Enfermagem, em 1956, quando era

mantida pela SAH. A partir de então, outros cursos foram sendo criados, utilizando o mesmo espaço para suas aulas práticas. Além disso, o Hospital representa, hoje, um importante centro de pesquisa para os profissionais e estudantes dos cursos da área da saúde, prioritariamente.

REFERÊNCIAS

1. Cascudo, LC. História do Rio Grande do Norte. 2 ed. Rio de Janeiro (RJ): Achiamé, 1999.
2. Sarinho, C. T. Hospitais do Rio Grande do Norte: notas, apontamentos, história. Natal (RN): Nordeste Gráfica, 1988.
3. Aróstegui, JA. Pesquisa Histórica: teoria e método. Bauru (SP): Edusc; 2006.
4. Porto, IS et al. Cuidando de documentos em uma pesquisa de abordagem histórica: a experiência de um projeto integrado sobre o ensino de enfermagem. Esc. Anna Nery Rev Enferm. Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n 2, p. 225-33, ago 2000.
5. LE Goff, J. História e Memória. 5 ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2003.
6. Minayo, M C S. (Org.). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo (RN): HUCITEC-ABRASCO; 1994.
7. Timoteo, RPS. O Ensino da enfermagem moderna no Rio Grande do Norte. 1997. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFRN. Natal (RN), 1997.
8. Menezes, R. M. V. Formação da Enfermagem no Estado Potiguar: da criação à consolidação. 2005. 173 f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 2005.
9. Araújo, IS. Januário Cicco: um homem além do seu tempo. Natal (RN): Ed. Universitária, 1983.

10. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisas. Resolução n.º196/96. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF), 1996.
11. Cascudo, LC. História da cidade do Natal. 4 ed. Natal (RN): EDUFRN, 2010.
12. Lima, P. Saneamento e modernização em Natal: Januário Cicco 1920. Natal (RN): Sebo Vermelho, 2003.
13. Germano, RM. Educação e Ideologia da Enfermagem no Brasil. 3 ed. São Paulo (SP): Cortez, 1993.
14. Santos Filho, LC. História Geral da Medicina Brasileira. São Paulo (SP): HUCITEC, 1977.
15. Santos, RM; Leite, JL. A inserção da Enfermagem Moderna em Alagoas: os bastidores de uma conquista. Maceió (AL): EDUFAL, 2004.
16. Carvalho, AC. Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário. Brasília (DF); ABEn Nacional, 2008.
17. Carlos, DJDC. Passado e Presente: a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2005.
18. Hospital de Caridade Jovino Barreto. Directoria Geral de Estatística. Movimento Hospitalar. Natal (RN), 1909.
19. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital de Caridade Jovino Barreto. Movimento Hospitalar. Natal (RN), 1919.
20. Rio Grande do Norte. Termo de contrato celebrado entre o Governo do Estado e a Sociedade de Assistência Hospitalar para encarregar-se da direção e administração do Hospital de Caridade Jovino Barreto. Natal (RN), 1927.

21. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital de Caridade Jovino Barreto. Livro Diário. Natal (RN), 1927.
22. Rio Grande do Norte. Decreto Estadual nº 688. Termo do 1º aditivo do contrato celebrado em 30.06.1927 entre o Governo do Estado e a Sociedade de Assistência Hospitalar. Natal (RN), 1934.
23. Carlos, DJD; Germano, RM. A Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. Rev. Rene. Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 72-80, jan./mar.2009.
24. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital Miguel Couto. Relatório apresentado à Diretoria do Hospital Miguel Couto referente ao exercício do ano de 1935. Natal (RN), 1935.
25. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital Miguel Couto. Relação de Pessoal. Natal (RN), 1935.
26. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Hospital Miguel Couto. Rio de Janeiro (RJ), 1945.
27. Trindade, SLB; Albuquerque, GJ. Subsídios para o estudo da História do Rio Grande do Norte. Natal (RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2001.
28. Rio Grande do Norte. Termo do 2º aditivo ao contrato celebrado entre o Governo do estado e a SAH. Natal (RN), 1945.
29. Rio Grande do Norte. Decreto-Lei nº 363. Criação do Serviço de Pronto Socorro a cargo da Sociedade de Assistência Hospitalar. Natal (RN), 1945.
30. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital Miguel Couto. Ofício expedido por Januário Cicco ao Diretor Geral do Departamento de Saúde Pública. Natal (RN), 1952.
31. Rio Grande do Norte. Decreto-Lei nº 693. Doação do Hospital, Maternidade de Natal, anexos e terrenos à Sociedade de Assistência Hospitalar. Natal (RN), 1952.

32. Lyra, C. (Org.). A memória viva de Onofre Lopes. Natal (RN): Ed. Universitária, 1984.
33. Brasil. Ministério da Educação e Saúde. Decreto nº 37.931, de 22 de setembro de 1955. Autoriza o funcionamento da Faculdade de Medicina de Natal. Natal (RN), 1955.
34. Brasil. Ministério da Educação. Portaria nº 381, de 07 de dezembro. Autoriza o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal. Diário Oficial do Distrito Federal. Rio de Janeiro (RJ), 1955.
35. Rio Grande do Norte. Lei Estadual nº 2.307. Criação da Universidade do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 1958.
36. Brasil. Ministério da Educação. Decreto nº 45.116, de 26 de dezembro de 1958. Confere a condição de Estadual à Universidade do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 1958.
37. Brasil. Ministério da Educação. Lei nº 3.849 de 18 de dezembro de 1960. Federaliza a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Brasília (DF), 1960.
38. Sociedade de Assistência Hospitalar. Hospital das Clínicas. Ata da 30ª sessão plenária para eleger nova diretoria e aprovação da transferência do patrimônio para o Governo Federal. Natal (RN), 1960.
40. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Resolução nº 68 CONSUNI, de 01 de novembro de 1984. Aprova alteração do nome do Hospital das Clínicas para Hospital Universitário Onofre Lopes. Natal (RN), 1984.
40. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Resolução nº 04 CONSUNI, de 28 de abril de 2000. Cria o Complexo Hospital e de Saúde (CHS). Natal (RN), 2000.
41. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Resolução nº 15 CONSUNI, de 13 de dezembro de 2002. Aprova nova denominação, Complexo de Atenção à Saúde, para Complexo Hospitalar e de Saúde. Natal (RN), 2002.